Introdução

Uma cena incrível, *estonteante*. Em Paris, logo após um show no Olympia, em 9 de outubro de 1967, Jimi Hendrix e seus dois parceiros de Experience, Mitch Mitchell e Noel Redding, passeiam pelas lojas da rue Daguerre, como loucos. Eles enchem os espaços por onde passam com seus gestos amplos e suas gargalhadas.

Fitamos com curiosidade aqueles três jovens girando e pulando pelas ruas de Paris. Assistimos, maravilhados, à corrida desenfreada e alegre daqueles três caras de apenas vintes anos que exalam liberdade na enrijecida França, em preto e branco, dos anos 1960. Numa voz em off, Jimi Hendrix canta "Burning of the Midnight Lamp".

Observamos, fascinados, a reação dos passantes. Ao atordoamento inicial sucede-se o assombro total. Todos ficam espantados, hipnotizados pelo comportamento e pelas roupas daqueles três jovens amalucados. Os três membros da The Jimi Hendrix Experience estão siderados, cheios de ímpeto, liberdade, transbordante felicidade.

Quatro meses antes, o público do festival de Monterey, que assistiu ao primeiro show da Jimi Hendrix Experience em solo americano, também foi pego de surpresa pelo guitarrista, por seu carisma, sua imensa energia; pela música apresentada, som único que mesclava blues e rock. Ao jovem público dos anos 1960 em busca de novidade e liberdade, Hendrix ofereceu naquela noite uma música intensa, ousada, transcendente, vertiginosa e exalando liberdade, frescor, brilho.

Com Hendrix surge uma luz tempestuosa, um raio cintilante no acanhado céu da música. Jimi Hendrix é um terremoto sônico. No amplo espectro sonoro mundial,

ocupa um lugar à parte. Contemporâneo dos Beatles, de Bob Dylan e de John Coltrane, ele é o epicentro da trilha sonora dos Sixties. Esses anos correspondem a uma reviravolta. É o período das utopias e dos sonhos perdidos que transformaram profundamente o mundo, as mentes (liberdade individual, sexual, igualdade de sexos, emancipação política, espírito de maio de 1968, movimento dos direitos cívicos, aurora das independências). À sua maneira, Hendrix encarna uma outra América, dilacerada pela guerra do Vietnã, que tentou sair do pesadelo por meio de uma música de atitude, o rock.

A revolução musical esteve no centro desse fenômeno. O rock foi o som de uma geração em busca de identidade, a ponto de criar uma cultura rock, com seus referenciais, seus códigos sociais, seus modos de vestir, seus costumes (álcool, maconha). "Sempre se fala em Hendrix como um gênio da guitarra, mas ele também foi um *songwriter* excepcional e um símbolo político e cultural de sua época"[1], explica o guitarrista Nguyên Lê.

Mais de quarenta anos depois de sua morte, ocorrida em Londres no dia 18 de setembro de 1970, Jimi Hendrix figura como uma lenda da música do século XX. Woodstock, o festival da Ilha de Wight, os anos 1960, a eletricidade musical, o blues, o jazz, o espírito de transgressão, a contestação política e social – o guitarrista, cantor e compositor Jimi Hendrix (1942-1970) foi a encarnação de uma época. Mais do que isso, até. Talvez mais do que qualquer outro músico, Hendrix foi a encarnação do rock que, naquele momento, questiona os limites e alimenta desejos impossíveis. Com energia, solidez, profusão, alegria, obstinação e audácia, essa música explica o mundo de maneira infinitamente melhor do que as que se curvam a ele.

"Hendrix é um dos personagens mais revolucionários da cultura pop, musical e sociologicamente falando", declarou Frank Zappa, o guitarrista líder do The Mothers

of Invention. “O público feminino acha Hendrix bonito (talvez um pouco assustador), mas de todo modo muito sexy. O público masculino o considera um guitarrista e um cantor fenomenal. Os caras parecem apreciar o fato de suas garotas se sentirem sexualmente atraídas por Hendrix. Pouquíssimos se ressentem de seu charme ou o invejam. Eles desistem, ou então compram uma Fender Stratocaster, um pedal wah-wah e quatro amplificadores Marshall.”[2]

Sim, Hendrix personifica o rock, sua fantasmagoria, sua (des)mesura. Sua vida sob alta tensão se esfacelou de encontro aos recifes do show business. Sua morte prematura aos 27 anos ampliou sua lenda e transformou-o num verdadeiro ícone. Ele continua sendo o músico da juventude eterna, o *guitar hero* com o qual todo adolescente amante das seis cordas se identifica.

“Acho que ele mudou a face do rock muito mais do que os Beatles”, explica Pete Townshend, guitarrista do The Who. “Eles trouxeram a composição. Jimi, por sua vez, revolucionou o som da guitarra”. Foi “uma força revolucionária que alterou sozinha toda a história da guitarra”, segundo o guitarrista John McLaughlin.[3] No ranking dos cem melhores guitarristas de todos os tempos, de 2003, a revista americana *Rolling Stone* conferiu a este autodidata das seis cordas o primeiro lugar.

Jimi Hendrix. Nome que ecoa no âmbito do rock, mas também para muito além dele. Além de sua influência estritamente guitarrística e sua marca musical continuarem vivas, ele também carrega muitos significados, todos positivos. Entre eles engajamento, força, radicalismo, suavidade e explosão vital, não violência, expressividade, modéstia, sensibilidade extrema, desinteresse. Beleza, enfim. Uma beleza luminosa, resplandecente, imediata, partilhável por todos, porque finalmente separada do próprio som, de sua ordenação.

Mais de quarenta anos depois de sua morte, a figura de Hendrix se impõe com força; sua supremacia é evidente. E, à sua maneira, ele sintetiza uma ampla paleta musical, que forma o tronco comum da música negra americana: blues, rhythm'n'blues, jazz, soul, funk.

A imagem de Hendrix, para sempre lendária, também é a do homem que pôs fogo na guitarra no palco de Monterey, na Califórnia, em 18 de junho de 1967. A de um grande príncipe negro de amplo sorriso que usa golas de renda, jaqueta militar e longas calças de veludo. Jimi tem ares de senhor extravagante com sua cabeleira afro arrepiada, seu bigode à la Fu Manchu, suas roupas coloridas e suas camisas psicodélicas.

A essência de sua trajetória se concentra em quatro anos, entre setembro de 1966 e setembro de 1970. Gravou apenas quatro álbuns em vida: *Are You Experienced*, *Axis: Bold As Love*, *Electric Ladyland* e *Band of Gypsys*. Mas entre álbuns oficiais, discos póstumos a partir das inúmeras sessões em estúdio (seiscentas horas de gravação, segundo Alan Douglas), jam sessions e gravações de shows, a discografia oficial e pirata de Hendrix conta com quinhentos ou seiscentos álbuns.

Na estrada. Jimi passava na estrada, constantemente. Fugindo, como cantou em "Burning of The Midnight Lamp". Uma fuga para frente. Uma corrida desenfreada ("Sou livre porque nunca parei de correr", ele disse[4]).

Se precisássemos reduzir Hendrix a apenas duas palavras, elas seriam "errância" e "liberdade". Hendrix estava sempre na estrada. Em busca. Perambulando. Sem destino. Rumo a outros espaços? Outros planetas? Cogitou seriamente a possibilidade de visitar Netuno e relatou sua viagem a Atlântida. Jimi aspirava à independência absoluta, queria ser um músico livre (o tema da liberdade esteve no centro de várias músicas: "Freedom", "Stone Free",

"Highway Chile", "Ezy Rider" etc.). Quando alguém lhe pedia um autógrafo, ele em geral escrevia "Stay Free" antes de assinar seu nome.

Esta biografia pretende ser um livro para contar a história de um músico fora do comum, mas também da música, do rock, da ampla sonoridade mundial dos anos 1960, das comunidades e da estrada. Em uma palavra, da marginalidade de um passado mitológico.

Seguiremos Hendrix passo a passo em seu processo criativo, suas gravações, seus shows, seus itinerários, suas errâncias. De Seattle, onde nasceu, a Seattle... onde seu corpo foi enterrado, passando por Nashville, Nova York, Londres, Monterey, Toronto, Woodstock e a Ilha de Wight, ponto culminante de uma carreira tão curta quanto fulgurante.

Isidore Ducasse, mais conhecido como conde de Lautréamont, morreu aos 24 anos. Jimi Hendrix foi colhido pela morte muito cedo, aos 27 anos. Uma morte absurda sob circunstâncias dramáticas. Ele integra a lista dos roqueiros mortos em plena juventude: Tim Buckley, 28 anos; seu filho, Jeff Buckley, 30 anos; Kurt Cobain, 27 anos; Brian Jones, 26 anos; Jim Morrison, 27 anos; Janis Joplin, 27 anos, exatamente um mês depois da morte de Jimi Hendrix, ocorrida em setembro de 1970. Jimi, Jim e Janis, os três J, resumem a música dos Sixties.

Hendrix viveu uma vida como a de qualquer outro, com paixões, arrebatamentos, ódios, triunfos, rompimentos, flutuações nas amizades e inimizades, neuroses, sexo, entusiasmos e decepções amorosas... Mas mais do que ninguém, talvez, teve uma vida cheia de música. Viveu *por* e *para* a música. "A música e a vida estão intimamente ligadas. A música possui uma multiplicidade de sentidos", disse ele a um jornalista. "Não necessariamente as notas físicas que ouvimos, mas notas que percebemos por meio do pensamento, da sensibilidade, da emoção."[5]

Uma vida trágica e luminosa, atravessada por lampejos de genialidade, fulgurâncias, uma vida que irradiava de seu blues iluminado.

Maurice Blanchot, discernindo no ato literário o puro movimento da criação, escreveu: “Na obra, o homem fala, mas a obra dá voz, no homem, ao que não fala”.[6] O mesmo pode ser dito sobre o ato musical, sobretudo o de Hendrix. Escutemos sua voz, suas ressonâncias, seus silêncios, e tiremos o pulso da época em que viveu.

Seattle

Numa de suas últimas músicas, um belo blues acústico, "Belly Button Window", que encerra o álbum póstumo *The Cry of Love*, lançado em março de 1971, Jimi Hendrix se imaginou no ventre da mãe, às portas da vida.

A primeira estrofe é como uma confissão. O mundo exterior parecia tão pouco acolhedor que ele hesitava em sair do protetor espaço intrauterino materno. A sensação de nunca estar no lugar certo e na hora certa sempre acompanharia Jimi Hendrix. Sua incapacidade de se acomodar ao real, sua inaptidão para criar laços de amizade, amorosos ou profissionais seriam decorrência disso. Daí a errância sem fim, os múltiplos encontros, as inúmeras viagens, os shows incessantes, as experiências psicodélicas e outras viagens. Seu lar caloroso e seguro foi a música.

A infância de Hendrix foi infeliz. Teve uma família incomum. A mãe, ausente, morreu em 1959, quando ele tinha dezesseis anos. Jimi sempre esteve em busca de uma família, uma comunidade de sangue, de espírito. Foi um homem à procura, que, como bem disse o jornalista inglês Charles Shaar Murray no livro que escreveu a respeito dele, buscava "o pertencimento a uma comunidade".[1] Como Rimbaud com a poesia, Hendrix buscou na música a autoestima que não lhe havia sido ensinada; e, como não tinha mãe, tentou ao menos pensar que um órfão podia ser o objeto universal do amor.

Também devemos buscar nos arcanos da infância as feridas subterrâneas, o impulso criativo de Hendrix. As coisas mais importantes na vida de um homem, porque o estruturam, são a infância e o amor, bem sabemos. Muitos chegam a dizer que todo criador teve uma infância infeliz.

Na origem de toda criação haveria aquilo que Gide chamava de "espinho na carne".

Johnny Allen Hendrix nasceu após uma noite de tempestade, na manhã seguinte ao Dia de Ação de Graças, em 27 de novembro de 1942, às 10h15, no hospital King County de Seattle. A cidade do estado de Washington foi assim batizada em homenagem ao chefe ameríndio Sealth, ou Seattle, da tribo dos Duwamish, conhecido por um discurso de impressionante beleza dirigido ao governador Isaac M. Stevens, em 1854: "Como se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa ideia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los? Cada pedaço dessa terra é sagrado para o meu povo".[2]

Seattle contava então com uma população de 375 mil habitantes; era uma das cidades portuárias mais importantes da costa do Pacífico, que se desenvolvia consideravelmente ao longo da guerra. Os estaleiros fabricavam navios para a marinha, enquanto a Boeing produzia em série bombardeiros B-17 que permitiriam a vitória dos Aliados. Em 1942, ano de nascimento de Jimi Hendrix, as fábricas funcionavam a todo vapor. Inúmeros operários vindos do Sul pobre se instalavam em Seattle, dentre os quais muitos negros americanos.

O bebê gozava de boa saúde, pesava quase quatro quilos. "Era o bebê mais lindo com que se poderia sonhar, um amor"[3], recorda sua tia Delores Hall. Naquela noite, ela lhe deu o apelido de "Buster". Por que esse nome? Não por "garoto" ("thanks buster" significa "obrigado, garoto"), mas em referência a Buster Brown, um personagem de desenho animado criado por Richard Outcault. O apelido seria adotado por toda a família, bem como pelos amigos de Seattle. Mais tarde, outra explicação viria contradizer ou complementar a primeira: Jimi teria recebido o apelido de "Buster" em referência a Larry "Buster" Crabbe, o ator

que fazia o papel de Flash Gordon, série de que ele gostava muito. Essa foi a versão que Hendrix sempre contou, apesar de ser chamado de "Buster" antes de ter idade para ver Flash Gordon.

A tia Delores enviou um telegrama ao pai do menino, Al, para anunciar-lhe o acontecimento: "A situação está muito melhor do que antes".[4] Para os Hendrix, como para um bom número de afro-americanos, a situação era difícil havia muito tempo. E continuaria sendo. Jimi e sua família carregavam a memória de dois genocídios. Seu triplo pertencimento cultural (branco, negro, índio; Nora, sua avó paterna, era cherokee) e suas origens faziam dele uma síntese da América do século XX; tanto um símbolo do *melting pot* americano quanto, em pleno período de segregação racial, o objeto de todos os ódios. O pertencimento a minorias provocaria um profundo sentimento de exclusão, fonte de um individualismo excessivo.

Al Hendrix, o pai, 23 anos, não estava lá quando do parto de Lucille. Os Estados Unidos haviam entrado na guerra em dezembro de 1941. Al se alistara, era soldado de segunda classe no exército americano, em Fort Rucker, Alabama. Pedira a seu comandante autorização para ir a Seattle acompanhar o nascimento do filho, mas a permissão lhe fora negada. Seus superiores, convencidos de que ele se ausentaria sem autorização para assistir ao nascimento do primeiro filho, o colocaram na prisão. Al se queixaria do fato de que os soldados brancos haviam obtido permissão quando suas mulheres deram à luz. Ele não veria Jimi antes que este completasse três anos.

Al e Lucille se conheceram numa noite de novembro de 1941, durante um show do pianista Fats Waller. A música e a dança os uniram. Al Hendrix era um negro pequeno e elegante, que nascera com seis dedos em cada mão – mau presságio, segundo sua mãe. Era uma curiosidade, que serviria para assustar os amigos dos filhos.